



MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS: OS QUINTAIS PRODUTIVOS COMO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Zenaide Collet¹ - UNOCHAPECÓ
Maria de Lourdes Bernartt² - UNOCHAPECÓ
Leonel Piovezana³ - UNOCHAPECÓ

Grupo de Trabalho: Didáticas: Teoria Metodologias e Práticas.
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre a importância do Programa de Recuperação, Produção e Melhoramento de Sementes Crioulas do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC para a reorganização dos quintais produtivos agroecológicos e sua relação com a alimentação diversificada e saudável. Para isso, fez-se um trabalho de pesquisa a partir da experiência das mulheres camponesas em Santa Catarina, organizadas pelo Movimento consultando os documentos interno que relatam o processo de planejamento, formação, atuação do Movimento e outros autores. Os resultados demonstram que as mulheres organizadas no MMC têm clareza de sua missão que entre outros aspectos é a luta pela construção do projeto popular de agricultura camponesa agroecológica. Esta missão se concretiza na ação das mulheres na recuperação das sementes crioulas; plantas medicinais, nativas, frutíferas e ornamentais; na proteção das fontes de água e cisterna para o reaproveitamento da água das chuvas; na produção diversificada; na criação de pequenos animais, bem como, no preparo e conservação dos alimentos assumindo a agroecologia como modo de vida. Os desafios enfrentados perpassam pelo reconhecimento do trabalho das mulheres na produção; pela importância de recuperar, produzir e melhorar sementes crioulas; pela necessidade de recuperar a fertilidade do solo; pelo esforço de construir relações de igualdade entre as pessoas e com o ambiente; pela luta por políticas públicas e crédito subsidiado para reorganização e potencialização de seus quintais produtivos agroecológico de auto sustento e renda. Isto exige a luta de resistência e enfrentamento ao modelo de agricultura química.

1 Professora de Educação Básica na Rede Pública do Estado de Santa Catarina, efetiva na EEB. Professora Jurema Savi Milanez no município de Quilombo/SC. Graduada em História e Geografia. Militante do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC. Mestranda em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. E-mail: zenacollet@gmail.com.

2 Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGR) e do Programa de Pós-Graduação em Letras, da UTFPR Câmpus Pato Branco. Graduação em Letras. Mestrado e Doutorado em Educação. Pós-Doutorado em Educação (UNOCHAPECÓ). E-mail: marialbernartt@gmail.com//marlou@pq.cnpq.br

3 Docente do Programa de Pós-Graduação Educação (PPGE), e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais, da UNOCHAPECÓ. Graduação em História e Estudos Sociais. Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional. E-mail: leonel@unochapeco.edu.br

Neste contexto contraditório e conflitivo que passa a agricultura, os quintais produtivos agroecológicos estão se constituindo em espaços pedagógicos, verdadeiros laboratório de aprendizado, troca de conhecimentos, produção de alimentos saudáveis e bem viver.

Palavras-chave: Movimento de Mulheres Camponesas. Quintais Produtivos. Práticas Pedagógicas.

Introdução

O estudo dos “Quintais produtivos como práticas pedagógicas” fundamenta-se na pesquisa documental disponibilizada pelo Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina – MMC/SC, como: relatórios, cartilhas, folders, cadernos relacionados às estratégias que o Movimento elaborou para se chegar aos quintais produtivos.

Autores como Horácio Martins de Carvalho (2003), Irene León (2003), Ana Primavesi (2009), João Pedro Stedile (2011) e outros se constituem referências importantes porque analisam o processo de agricultura química principalmente a partir da Revolução Verde e mostram a importância das sementes, destacam o papel das mulheres na produção de alimento e a luta dos povos por soberania alimentar.

Nossa intenção é mostrar a ação pedagógica do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC desenvolvida junto às mulheres camponesas que ao assumir o programa de recuperação, produção e melhoramento das sementes crioulas reorganizam os quintais produtivos. Estes se constituem estratégias que articula a luta local com a luta global de resistência e enfrentamento aos monocultivos, agrotóxicos, transgênicos, repercutindo no cotidiano das mulheres em busca de qualidade para uma vida mais saudável no campo.

O artigo está organizado em três partes “Movimento de Mulheres Camponesas – MMC assume a recuperação das sementes crioulas”, na qual relatamos aspectos do debate das mulheres sobre a agricultura até chegar à deliberação sobre o programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças. Em seguida, trataremos sobre “Sementes crioulas tecendo outras atitudes”, onde mostramos alguns elementos necessários para o cultivo das sementes crioulas redesenhando nas unidades de produção os “quintais produtivos agroecológicos”. E, por último, “A importância dos Quintais Produtivos Agroecológicos” para o Movimento, para a sociedade e para a sustentabilidade ambiental, principalmente na preservação da diversidade regional.

Movimento de Mulheres Camponesas - MMC assume a recuperação das sementes crioulas

O Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina - MMA/SC começou a se organizar no início da década de 1980, em municípios de abrangência da Diocese de Chapecó/SC, oeste de estado. Particularmente, as mulheres agricultoras se reuniam para discutir a participação sindical, a discriminação, violência, endividamento, baixos preços dos produtos agrícolas e outros problemas. Esse envolvimento associado à motivação da Teologia da Libertação, das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, da Comissão Pastoral da Terra – CPT surge uma organização autônoma de mulheres agricultoras. Em 1986, consolidam o Movimento de Mulheres Agricultoras tendo como luta central o reconhecimento da profissão de Trabalhadora Rural, o direito de ser sócia do sindicato e disputar a composição da direção, o direito a aposentadoria e o fim da violência contra a mulher (cf. MMC/SC, 2008).

Na passagem do segundo milênio as mulheres organizadas nos movimentos autônomos do Brasil realizam um intenso processo de estudo junto aos dirigentes, lideranças e grupos de base⁴ discutindo a constituição do movimento autônomo de mulheres. Este trabalho culmina no congresso nacional realizado de 5 a 8 de março de 2004, em Brasília/DF, reunindo cerca de 1.500 mulheres de 14⁵ estados, onde consolidam o Movimento autônomo do Brasil caracterizado como Movimento de Mulheres Camponesas - MMC. Definiram suas lutas específicas, como também a inserção na Via Campesina⁶, espaço de articulação internacional com as mulheres que lutam contra o capital de forma globalizada. Nesta direção assumem por exemplo a Campanha mundial⁷ “Sementes Patrimônio da Humanidade a Serviços dos Povos”.

4 No MMC, grupo de base são os grupos de mulheres, coordenado por uma ou duas liderança indicada entre o grupo, que se reúnem nas comunidades rurais e/ou município para estudar, encaminhar, informar sobre as deliberações do Movimento em relação ao processo de organização, formação e lutas por direitos e emancipação das mulheres.

5 Conforme entrevista com as dirigentes do MMC Rosângela Piovesan Cordeiro e Justina Inês Cima, os estados que participaram do Congresso Nacional foram: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso do Sul, Roraima, Amazonas, Acre, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Paraíba, Alagoas, Mato Grosso, Rondônia, Pará.

6 Gaspareto (2009, p. 38) afirma que a “Via campesina é um movimento internacional que coordena organizações camponesas de pequenos e médios agricultores, trabalhadores agrícolas, mulheres camponesas, comunidades indígenas e negras da Ásia, África, América e Europa”.

7 No “III Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre/RS, em janeiro de 2003”, foi refletido sobre questões sociais mundiais que preocupam pessoas de todo o mundo como a “fome, guerra e opressão”. Na ocasião as organizações que compõe a Via Campesina Internacional, em conferência para mais de 15 mil pessoas de todo o mundo, lançaram a campanha "Sementes: Patrimônio do povo a serviço da humanidade". “A campanha se faz necessária para o combate à manipulação, ao monopólio e à imposição das sementes transgênicas. Também, em defesa dos agricultores, que por séculos cultivam diversas espécies de semente” (MST Informa, 2003).

No processo de se constituir em um ator nacional, o Movimento intensifica o aprofundamento nos grupos de base sobre as consequências do modelo de agricultura química. As mulheres em Santa Catarina realizam seminários de agroecologia, curso de formação das dirigentes, reuniões questionando: “Essa agricultura feita com venenos, adubo químico, sementes híbridas, monocultivo serve para as mulheres, para os pequenos agricultores?” Nos relatórios dessas atividades constam diferentes ideias, opiniões que exigiram maior aprofundamento, estudo, questionamentos, reflexões sobre conflitos provocados pela contradição entre o debate e a inserção das mulheres e de suas famílias na agricultura orientada pelo programa da *Revolução Verde*⁸.

A temática em torno da *agricultura que temos e agricultura que queremos* feita no MMC adquire relevância entre as organizações do campo na luta contra os transgênicos. O processo de preparação da VIII Assembleia Estadual do MMC/SC (2001) realizada no município de Concórdia/SC teve como tema “que agricultura queremos?” e lema era: “Filhas as terra, na construção de um projeto novo”. Na ocasião os grupos de mulheres organizaram bancas expondo o trabalho na conservação das sementes crioulas e alimentos naturais. No Relatório da VIII Assembleia Estadual (2001, p. 7), encontra-se entre outros, o depoimento: “Já colhi mais de meio quilo de sementes de salada (alface) na propriedade. A gente faz ureia caseira, mais para usar na horta. Fizemos também o biofertilizante. Também trabalho com fermento caseiro de pão⁹”. Observa-se a resistência e ao mesmo tempo as contradições que são problematizadas.

No Movimento, as mulheres estudam o processo de implantação do programa *Revolução Verde* e suas consequências. Muitas delas vivenciaram o monocultivo de grãos; a industrialização da agricultura com a mecanização (trator, plantadeira, arado e outros equipamentos), sementes modernas, adubos, venenos, financiamentos, assistência técnica, integração a agroindústria principalmente na criação de aves e suínos. A partir de 1990, chega o plantio direto, uso de inseticidas, fungicidas e herbicidas para o controle de “pragas, inços”, doenças e fungos fora do controle técnico. Em seguida vem à propaganda das sementes

⁸ *Revolução Verde* é um Programa de Desenvolvimento do Capitalismo na Agricultura e na Pecuária, que se baseia na produção voltada para o lucro e para o mercado através: Da genética vegetal com produção e multiplicação de sementes híbridas ou “melhoradas”, resistente a doenças e pragas e adaptadas para receber altas doses de adubos químicos; Da aplicação de novas técnicas agrícolas ou tratos culturais – aplicação intensiva de adubos químicos e venenos; Da mudança da infraestrutura agrícola e aplicação de mecanização pesada e intensiva em todas as atividades possíveis; Da genética animal com animais de raças “melhoradas”, usos de antibióticos, hormônios e produtos químicos, (GÖRGEN, 2004, p. 26).

⁹ Arquivo do MMC/SC. Relatório da VIII Assembleia Estadual do MMC/SC, Concórdia/SC, 2001, s/p.

transgênicas com seu receituário para resolver os problemas na agricultura (cf. GÖRGEN, 2004, p. 30-37).

Para Kirchner e Collet (2006, p. 22-23), “O processo de industrialização da agricultura muda à maneira de ser e de pensar, condicionando as pessoas à adesão ao mercado, constituindo-se na maioria das vezes, defensoras do modelo capitalista”. Principalmente, as mulheres sentem, percebem as dificuldades vivenciadas no cotidiano e no Movimento estudam as consequências deste modelo que torna a agricultura camponesa¹⁰ dependente e subordinada à agroindústria transnacional.

Frente a este modelo de agricultura, as mulheres, em panfleto do dia 8 de março de 2004, declaram: “Lutamos pela proteção da biodiversidade e contra os transgênicos” e assumem a defesa das sementes crioulas.

O MMC entende que as sementes representam para a humanidade a continuidade da vida e preocupado com as consequências do modelo de agricultura capitalista: agrotóxicos, sementes transgênicas, adubos químicos, esgotamento do solo, perda da biodiversidade, doenças, entre outros, assume a luta em defesa das sementes crioulas patrimônio da humanidade (AMTR-SUL, 2008, p. 48).

No planejamento estadual do MMC/SC, as mulheres dão continuidade ao debate em torno do projeto popular de agricultura camponesa e as sementes crioulas. Conforme revista da AMTR-SUL (2008, p. 48), constitui-se uma equipe formada por dirigentes do MMC/SC e técnicas/os identificados com e pelo Movimento e que já vinham trabalhando na perspectiva agroecológica para elaborar a proposta inicial que posteriormente foi apresentada, avaliada, ajustada. Assim aprova-se o “Programa de Recuperação, Melhoramento e Produção de Sementes Crioulas de Hortaliças”, tendo como objetivo geral:

Construir com as Mulheres Camponesas a experiência prática e teórica de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças, como ação concreta das mulheres na construção do projeto popular de agricultura camponesa a partir dos princípios da agroecologia (AMTR-SUL, 2008, p. 48).

Expressões encontradas em documentos do MMC, como: “*quem faz já sabe, mas quem pensa sobre o que faz, faz melhor*”, ou, “*a gente aprende fazer, fazendo*” revelam os princípios da Educação Popular no trabalho desenvolvido pelo MMC. Todas as ações partem

¹⁰ Agricultura camponesa conceito utilizado pelo Movimento e no Documento Tese de Consolidação do MMC (2004, p.2) “compreende a unidade produtiva camponesa centrada no núcleo familiar” dedicando-se “produção agrícola e artesanal autônoma com o objetivo de satisfazer as necessidades familiares de auto sustento e renda”. Neste sentido, *mulher camponesa*, é aquela que, de uma ou de outra maneira, produz o alimento e garante a subsistência da família. É a pequena agricultora, a pescadora artesanal, a quebradeira de coco, as extrativistas, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, boias-frias, diaristas, parceiras, sem-terra, acampadas e assentadas, assalariadas rurais e indígenas.

do conhecimento das mulheres presente em cada grupo; aprofunda-se teoricamente; reorganiza a prática, avalia os resultados e planeja a continuidade. O desafio está em potencializar o conhecimento das mulheres e garantir que elas se apropriassem do mesmo.

Nesta direção, o Movimento organizou um cronograma de formação e capacitação política, pedagógica e técnica para um grupo de dirigentes e militantes com a tarefa de exercer a monitoria. Ou seja, cada uma tem a responsabilidade de acompanhar alguns grupos de mulheres nos municípios para estudo e prática do programa. Este trabalho nos grupos de base nos municípios ficou conhecido como “oficinas das sementes” (AMTR-SUL, 2008, p. 50). Alguns dos temas trabalhados, são:

Desenvolvimento da agricultura, formação, manejo do solo, modelo químico de agricultura e suas consequências para a saúde, agroecologia, desenvolvimento sustentável, recuperação, produção, colheita, secagem e armazenamento de sementes crioulas, reeducação alimentar, soberania alimentar (AMTR-SUL, 2008, p. 50).

Ao mesmo tempo, o Movimento foi elaborando e produzindo material para estudo tanto com as monitoras, quanto para os grupos de base, onde contou com a contribuição da equipe de técnicos/as e principalmente do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor - CAPA através da Engenheira Agrônoma Andréia Téchio e do MSC. Engenheiro Agrônomo Ivo Severino Macagnan. Citamos alguns materiais elaborados pelo MMC: Cadernos 1 “Práticas de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças do MMC/SC” (2005); Caderno 2 “Alimentação saudável: Uma necessidade vital” (2006); caderno 3 “Solo: útero do planeta terra” (2006); Cartilha da ANMC: “Camponesas promovendo soberania alimentar com a diversidade brasileira” (2011); Cartilha: “Mulheres camponesas em defesa da saúde da vida” (2008) entre outros

Nestes subsídios constam conteúdos estudados nas oficinas de sementes, que articulados com a prática de produção, contribuíram para que as mulheres do MMC repensassem e reorganizassem seu trabalho produtivo na perspectiva agroecológica (cf. ANMC, 2013, p.1).

Sementes crioulas: tecendo outras atitudes

Neste contexto agrícola, carregado de contradições, houve mulheres e homens que resistiram ao modelo de agricultura química e continuaram o cultivo das diversidades de produtos principalmente para o auto sustento em áreas mais distantes de suas casas, nas encostas, em lugares de difícil acesso aonde máquina não chegava. Muitas famílias que

havam assumido o modelo agrícola da Revolução Verde, orientadas pela assistência técnica das cooperativas ou das agroindústrias e, que haviam abandonado a produção diversificada passando a comprar em supermercados o que antes era produzido na propriedade, começaram a fazer o caminho inverso.

Na medida em que as mulheres camponesas do Movimento foram participando de debate sobre as sementes crioulas começam a repensar seus modos de vida na agricultura. Sentiram a necessidade de ter uma área acessível para o plantio das sementes e dos alimentos, sob outra orientação que não aquela proposta pela modernização agrícola. Elas foram levando para o grupo familiar à reflexão da importância da alimentação saudável como estratégia para conquistar maior qualidade de vida no campo. Para isso, há a necessidade de uma área adequada para produção diversificada. Para inúmeras mulheres, o acesso a terra se constitui uma luta forjada no interior das famílias principalmente em relação ao homem que na cultura patriarcal a decisão sobre o uso da terra pertence ao proprietário/homem.

Ao mesmo tempo, aparece a preocupação de se avaliar a qualidade do solo desgastado pelo uso de insumos químicos, agrotóxicos e outros. O caderno 3, cujo título: “Solo útero do planeta terra” (2006), traz informações sobre a origem, formação, influência do ser humano, ciclagem dos nutrientes, plantas indicadoras, a importância da fertilidade do solo para o desenvolvimento das plantas. Esta concepção recorda os ensinamentos dos povos indígenas que reconhece “a terra como mãe”. Na reportagem de Greice Audibert (2014, p. 80) a dirigente do MMC, Rosalina da Silva, de Chapecó diz: “[...] a terra é uma entidade sagrada que nos alimenta e nos dá sustentação para a vida”. Primavesi (2009), em seus estudos, chama atenção para a importância do solo e a relação com a alimentação.

Solo, sadio mantém as plantas sadias e plantas sadias fornecem uma alimentação sadia que mantém os homens física - e mentalmente sadios. E pessoas sadias com um espírito sadio não destroem sua base vital e o ambiente em que vivem mas o conservam. Não somente cuidam de seus solos e do meio-ambiente mas também de seus próximos criando bem estar e paz (PRIMAVESI, 2009, p.67).

Ao se conscientizarem sobre a importância do manejo do solo utilizando técnicas agroecológicas, as mulheres redescobrem o valor do trabalho. Do trabalho sofrido, difícil, penoso para o trabalho não menos dificultoso, mas consciente que o produto sem agrotóxicos resulta em saúde. Nesta perspectiva, Lourdes Bodaneze¹¹ reflete sobre o preparo do solo para

11 Plural Filmes - O documentário “Mulheres da Terra”. O documentário “Mulheres da Terra”, realizado em 2010 e exibido na RBS TV SC no extinto programa SC em Cena que veiculava filmes produzidos por produtoras independentes, apresenta as relações entre a terra, as sementes e a produção sustentável de mulheres do Movimento de Mulheres Camponesas. Em vivências filmadas no interior dos municípios de Marema, Mondai,

semear e ensina que “devemos preparar o bercinho para colocar a semente e não a cova, porque no berço há vida”.

No folder “Semente patrimônio da humanidade” (MMA/SC, s/d) encontramos alguns depoimentos das mulheres que participavam das “oficinas de sementes”. Maria Salet Rizzoto da comunidade de Barra do Golfo, município de Marema/SC que admite ter esquecido a “cultura de guardar as sementes, achava mais fácil comprar no mercado, diziam que produziam mais”. Ela também reconhece a importância do trabalho de recuperação das sementes do MMC e revela que seu “grupo conseguiu recuperar 60 espécies de sementes que as mulheres guardam como relíquia”. Essa diversidade de sementes crioulas leva a produção e consequentemente o preparo qualificando a dieta alimentar do grupo familiar.

Outro exemplo, presente no cotidiano são as expressões ou a linguagem. As mulheres camponesas ao se referirem à diversidade de alimentos utilizavam o termo miudezas¹². Aos poucos, elas se dão conta da importância da diversidade para o equilíbrio ambiental, a preservação das espécies vegetais e animais, a saúde. Passam a identificar a diversidade de alimentos como “grandezas” e não mais “miudezas”. Quando elas se reúnem, a conversa envolve a produção de alimentos e alguém por hábito fala em “miudezas” logo se ouve o coro dizendo “grandeza”.

Lencione (2008) mostra que os conceitos são construções do pensamento sobre o real e este real existe independente de pensarmos sobre ele. Referindo-se às observações que faz sobre o conceito, adverte a autora: “ele é infinitamente mais pobre que o real”. (LENCIONE, 2008, p. 115) O conceito está em movimento, se modifica, está sempre em relação a outros conceitos e todo conceito requer definições.

As práticas pedagógicas recriam conceitos observados no cotidiano, no trabalho da produção, na verbalização, na reorganização do cardápio. Percebe-se como o programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças vem capacitando as mulheres para a apropriação e revisão de conceito, no jeito de Ser e de Agir na casa, na comunidade na sociedade. Entender-se como parte do ecossistema é um grande desafio a ser assumido se queremos qualidade de vida. Na cartilha da AMTR-SUL (2008, p. 29), as mulheres escrevem “[...] o ambiente: terra, água, sementes, plantas, animais fazem parte das

São Miguel do Oeste, Chapecó, Anchieta e Palmitos registramos histórias de mulheres que, com suas mãos, cuidam da terra e são cuidadas por ela. Disponível:

<https://www.facebook.com/pluralfilmes/posts/682366508441284>. Acesso: set/2015.

12 Miudezas era o termo usado para designar a diversidade de alimentos (hortaliças, leguminosas, frutas, plantas medicinais, criação de pequenos animais, e outros) produzidos normalmente pelas mulheres camponesas.

Produtos diariamente presentes na dieta do grupo familiar, não contabilizado.

relações de convivência e de trabalho, assim como o sol, a lua, a chuva, a geada, as estações do ano, os ciclos da natureza expressam esperança, morte, transformação e vida”.

Esse trabalho de cultivar as sementes crioulas, num primeiro momento, parece algo superficial, local. Entretanto, caracteriza-se de um lado a luta pelo direito a soberania alimentar e de outro a luta de enfrentamento ao agronegócio, a semente transgênica, ao monocultivo, ao domínio das transnacionais sobre as sementes e território. Nesta perspectiva Horácio Martins de Carvalho (2003) refere-se:

A tirania estabelecida pelo controle oligopolista das sementes e pela oferta de novos e variados produtos industrializados para o consumo alimentar alterou, de maneira substantiva, a estrutura e a organização da produção, assim como a dieta alimentar dos camponeses e dos povos indígenas. Introduziu elementos novos na concepção de mundo dessas populações, em particular pela negação do tradicional em nome do moderno. Rompeu a multiculturalidade e esterilizou a diversidade de iniciativas (CARVALHO, 2003, p. 100).

A interferência do mercado globalizado sobre a agricultura é insustentável, pois destrói a biodiversidade que nas palavras de Carvalho (2003, p. 95) “são herança comum da humanidade a mais de 10 mil anos” que pouco a pouco foram transformadas adaptando-se aos ecossistemas e que a partir do século XX estão se tornando “propriedade de um grupo de empresas privadas estadunidenses e europeias”. Diante destas reflexões e da luta pela recuperação das sementes crioulas, o MMC propõe novas estratégias. Uma delas é a “Campanha nacional pela produção de alimentos saudáveis”. Conforme proposta Política da campanha (2007, p. 14) lançada no dia 8 de março de 2007 o objetivo era “Tornar visível o potencial de produção de alimentos da Agricultura Camponesa, evidenciando o papel das mulheres neste processo e sensibilizar a sociedade para a situação de degradação da natureza, como também as possibilidades de retomar o cuidado com a vida”. É uma tentativa de chamar atenção da sociedade sobre a qualidade da alimentação.

Mantido o atual modelo econômico para a agricultura e o comportamento da maioria da população de sentir-se mais como consumidora do que cidadã, tudo leva a crer que se caminha para uma tirania das grandes corporações multinacionais sobre a dieta alimentar dos povos em todo o mundo (CARVALHO, 2010, p.1).

O controle das sementes crioulas, a consciência da importância da alimentação diversificada e saudável realizada nos quintais produtivos evidencia a luta global das mulheres e das organizações do campo pela soberania alimentar.

Soberania Alimentar como o direito dos povos a controlar suas próprias sementes, terras e água, garantindo, por meio de uma produção local e culturalmente apropriada, o acesso dos povos a alimentos suficientes, variados e nutritivos em complementação com a Mãe Terra e aprofundando a produção autônoma, participativa, comunitária e compartilhada de cada nação e povo. [...] Proposta foram reafirmadas novas visões e conceituações baseadas no pensamento do “Bom Viver”, ou Bem Viver (STEDILE; CARVALHO, 2011, p. 16 - 17).

Esta forma de entender a soberania alimentar é fruto do debate mundial das organizações do campo e traz presente a herança ancestral andina, latino-americana. Brota no trabalho pela preservação da diversidade de sementes crioulas, no coração e nas mãos de todas/os a/os que acreditam e fazem da agroecologia um modo de vida. Para o MMC, os quintais produtivos podem ser um caminho para avançar na produção agroecológica, bem como na luta pela soberania alimentar.

Importância dos quintais produtivos agroecológicos

O processo de formação, organização e lutas do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC proporcionou articular a prática de recuperação de sementes crioulas, alimentação saudável, soberania alimentar orientando e potencializando os quintais produtivos agroecológicos. Não há uma única forma, regra uniformizada que define os quintais produtivos agroecológicos. Há sim, princípios a serem seguidos que se fundamentam na agroecologia e nas relações de igualdade de gênero. Eles são tão diversificados quanto às sementes, pois dependem do solo, clima, água, cultura, mão-de-obra disponível, do bioma enfim do ecossistema local, regional, da cultura dos sujeitos envolvidos, entre outros fatores.

O Quintal Produtivo Agroecológico é uma prática de produção articulada com o projeto de agricultura camponesa agroecológico, que se concretiza em uma área de terra normalmente no conjunto da casa. Nele as relações de igualdade estão mais presentes e se construindo. Em muitos casos o quintal é coordenado pela mulher envolvendo o grupo familiar, ou somente filhas/os. Em outros casos, os filhos/as e o marido participam em atividades pontuais, (MMC/SC, 2015, s/p).

Os quintais produtivos agroecológicos são espaços onde se ensina e aprende relações de igualdade entre todos os seres vivos: solo, microrganismo, água, ar, sol, vento, vegetais, aves, reptéis, lavoura, o ser humano, enfim, há um esforço de integrar toda a biodiversidade como parte do universo. O desafio é evoluir na capacidade de compreender que cada componente presente no universo desempenha uma função única fundamental para a saúde e a vitalidade do ecossistema (MMC/SC, 2015, s/p).

É uma área complexa que agrega um conjunto de elementos desde as sementes até a infraestrutura básica para o processamento dos produtos cultivados. Nos arredores da casa encontra-se: horta com plantas de uso diária, horto medicinal, pomar, jardins; reflorestamento para lenha e outras necessidades como: estrutura para a criação e reprodução de animais de pequeno porte; cisterna para captação da água das chuvas, processamento artesanal de derivados de leite, conservas, doces, sucos e outros. Instalações para confecção de diferentes artesanatos, para alimentos de uso permanente, galpão para guardar as ferramentas, sementes, utensílios para o preparo e manejo de repelentes, caldas, cinza, fertilizantes orgânicos. Além de espaço para proceder à separação, armazenamento do volume necessário para o auto sustento, partilha com filhos/as, familiares, vizinhos e o excedente para troca ou comercialização dos produtos. Esta prática faz brotar um sentimento “de satisfação e alegria, porque além de produzir para o nosso consumo, estamos oferecendo para os/as consumidores/as alimentos saudáveis, que vão contribuir na promoção da saúde” (ANMC, s/d. p. 4).

Referente ao trabalho das mulheres nos quintais produtivos agroecológicos, o estudo de León (2003, p. 218) mostra que “as mulheres são, com total evidencia, agricultoras em tempo integral e as cultivadoras aportam uma contribuição substancial na conservação e na gestão geral dos recursos fitogenéticos para a conservação da agricultura. [...]. Também Carneiro et al. (2013), no artigo: “Quintais Produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar” cita Rodrigues & Lima (2010) mostrando a contribuição histórica das mulheres na produção de auto sustento e renda:

As mulheres são protagonistas da produção familiar, no desenvolvimento de atividades agrícolas e não agrícolas. Sempre atuaram nas áreas de criações de animais de pequeno porte, com plantações de hortas, e no beneficiamento de frutas, leite, pescado, e artesanato. A casa que inclui o quintal com horta, e a criação de pequenos animais é geradora de renda, também responsável pela garantia da sobrevivência das famílias, através do cultivo e processamento de alimentos, costura e atividades com artesanato. A invisibilidade dessa produção chega a ser alarmante em algumas regiões no nordeste, por ser considerada como uma extensão exclusiva do trabalho doméstico (CARNEIRO et al. 2013, p.144 apud RODRIGUES & LIMA, 2010).

Ainda, o trabalho das mulheres camponesas na produção diversificada e saudável de auto sustento e renda é pouco reconhecido e valorado socialmente. Ou seja, ainda se reproduz a cultura da inferioridade do campo em relação à cidade; da mulher em relação ao homem; da produção da mulher em relação à produção coordenada pelo homem e assim sucessivamente.

Estes e outros aspectos fazem parte da cultura patriarcal e se articulam com o modo de produção capitalista explorando o trabalho das mulheres. Neste aspecto há um grande caminho a percorrer buscando formas de superação.

As experiências dos quintais produtivos agroecológicos estão em construção e de certa forma frágeis diante do contexto de globalização da agricultura e por isso exigem muita luta e compromisso pela transformação da sociedade. Envolvem a luta pela visibilidade e reconhecimento do trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres camponesas; a luta por políticas públicas e crédito subsidiado para a produção diversificada agroecológica; a luta de resistência e enfrentamento a padronização da alimentação mundial pela autonomia da cultura local e dos povos. Conscientizar-se do poder do conhecimento herdado de seus ancestrais e compreender que ao fazer agricultura agroecológica, fazem ciência, sabedoria que deve ser repassada as futuras gerações. Em outras palavras essas mulheres lutam, resistem e não permitem que poucas empresas transnacionais substitua o conhecimento milenar em nome do mercado, do capital, do lucro de poucos (MMC/SC, 2015, s/p).

Primavesi (2009, p. 5), ao propor e defender a agroecologia denuncia as agriculturas modernas com suas inovações tecnológicas para aumentar a produção e controlar os parasitas porque destroem a essência da vida. Ela garante que o ser humano “somente terá saúde se os alimentos possuírem energia vital. Os alimentos somente possuem energia vital se as plantas forem saudáveis. As plantas somente serão saudáveis se o solo for saudável”.

Os Quintais Produtivos Agroecológicos problematizam o modelo de agricultura química de agressão e degradação dos ecossistemas, de perda da biodiversidade, de padronização da alimentação apontando para outra concepção de agricultura. As mulheres que historicamente trabalharam na produção de alimentos, continuam através dos quintais produtivos agroecológicos mostrando para a sociedade que é possível produzir alimentos saudáveis e diversificados. Organizadas no MMC, Elas marcam seu tempo unindo as lutas locais com a luta pela soberania alimentar e a construção do projeto de agricultura camponesa agroecológica.

Considerações Finais

O estudo mostra que ao recuperar as sementes crioulas, as mulheres do MMC também desenvolveram a sensibilidade e a compreensão de sentir-se parte integrante do universo, portanto corresponsáveis pela reprodução e continuidade de todas as espécies de vida.

Observou-se que o processo de organização, formação e luta do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC têm proporcionado às mulheres deste Movimento reflexões sobre o jeito de fazer agricultura e a partir da recuperação das sementes crioulas retomaram uma produção saudável e diversificada. Isto exige um pensar permanente sobre as relações de produção provocando outras práticas.

Nesta perspectiva, os Quintais Produtivos Agroecológicos do MMC se revelam como verdadeiros laboratórios de preservação da sabedoria milenar, de conservação do solo, a reprodução da biodiversidade e da cultura de cada povo. Os quintais tornam-se locais privilegiados de aprendizado e troca de saberes e conhecimento, de reconhecimento das espécies, motivação para o plantio, ressignificação de costumes, da culinária, reeducação alimentar, incentivo ao consumo de alimentos saudáveis. Todo esse esforço pode ser espaço pedagógico de ensino aprendizagem entre as gerações e reveladores da opção por um projeto de vida, de agricultura e de sociedade que promova o bem viver de todos os seres vivos.

Por fim, é pertinente encerrarmos com o lema simbólico do Programa de Recuperação de Sementes Crioulas do MMC/SC, escolhido em concurso entre as mulheres participantes das oficinas de sementes (Arquivo do MMA/SC, 2002) “Filhas da Terra Produzindo Sementes Crioulas, Alimentando Sonhos De Libertação”.

REFERÊNCIAS

ANMC – Associação Nacional de Mulheres Camponesas. **Avançando a partir da perspectiva feminista para a construção da soberania alimentar no Brasil: Fortalecimento do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC.** Cartilha do MMC. Passo Fundo/RS, 2013.

_____. **Camponesas promovendo soberania alimentar com a diversidade brasileira.** Cartilha da ANMC. Gráfica Passografic, Passo Fundo/RS, 2011.

AMTR-SUL. **Mulheres Camponesas em defesa da saúde e da vida.** (Org.) DARON, Vanderléia L. P; COLLET, Zenaide. Contribuição: PIOVESAN, Luciana; CIMA, Justina; GIRARDI, Salete; Cartilha da AMTR-Sul. Gráfica Passografic, Passo Fundo/RS, 2008.

Arquivo do MMA/SC. **Concurso para escolha do lema do programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas se hortaliças.** 2002.

AUDIBERT, Greice. Terra Viva: A relação do homem com o solo e o retorno as origens da humanidade. **Revista Flash Vip.** Gráfica Arcus, Chapeco. Ano 11 – nº 66 / outubro/novembro 2014, p. 78-83.

CARNEIRO, Maria Gerlândia Rabelo; CAMURÇA, Andréa Machado; ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite; SOUSA, Natália Ribeiro de. Quintais Produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**. 8(2), 2013, p. 135-147.

CARVALHO. Horácio Martins de. **O oligopólio na produção de sementes e a tendência à padronização da dieta alimentar mundial**. (2010). Disponível: <http://base.d-ph.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8242.html>. Acesso: 11/07/2015.

_____. Horácio Martins de. (ogr.) **SEMENTES Patrimônio da Humanidade**. Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2003.

PLURAL FILMES. **O documentário “Mulheres da Terra”**. 2010. Disponível: <https://www.facebook.com/pluralfilmes/posts/682366508441284>. Acesso: set/2015.

GASPARETO, Sirlei Antoninha Kroth. **As jovens do movimento de mulheres camponesas (MMC): trabalho, família e projetos de vida**. Dissertação de Mestrado. Campina Grande, 2009.

GÖRGEN. Frei Sérgio Antônio ofm. **Os novos desafios da agricultura camponesa**. 2004.

LENCIONI, Sandra. **Observações sobre o conceito de cidade e urbano**. In: GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 24, pp. 109 - 123, 2008. Disponível: http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp24/Artigo_Sandra.pdf

LEÓN, Irene. **Mulher, Vida e Sementes**. p. 209-227; CARVALHO, Horácio Martins de. (Ogr.) **SEMENTES Patrimônio da Humanidade**. Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2003.

KIRCHNER, Maria Helena; COLLET, Zenaide. **Alimentação: Uma necessidade vital**. Caderno 2. Movimento de Mulheres Camponesas – MMC. Ed. Estampa Editora Gráfica Ltda. Chapecó/SC, 2006.

MST Informa. **Campanha contra transgênicos ganha espaço em todo o mundo**. Ano II - nº 34, 07 de março de 2003. Disponível: https://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/free/imf/brasil/mst/mst_informa34.html. Acesso: 20/06/2015.

MMA/SC. **Relatório da VIII Assembleia Estadual**. Arquivo do MMC/SC, novembro/2001.

_____. **Semente Patrimônio da Humanidade**. Folder. Gráfica Cometa, Chapeco/SC, s/d.

MMC. Documento Tese de Consolidação do MMC do Brasil. **Deliberações do Movimento de Mulheres Camponesas Brasil**. Arquivo do MMC. Brasília/DF, 5 a 8 de março de 2004.

Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina. **Uma história de organização, lutas e conquistas**. Cartilha do MMC. Gráfica Rota, 2008.

_____. 8 de março de 2004. **Dia de luta, resistência e compromisso**. Panfleto, Passo Fundo/RS.

_____. Segunda etapa do curso de formação: **Produção de auto sustento, quintais produtivo na agricultura familiar e camponesa**: o papel historicamente desempenhado pelas mulheres. Relatório do Curso. Chapeco/SC, 11 e 12 de abril de 2015.

PRIMAVESI, Ana. **Cartilha do Solo**: como reconhecer e sanar seus problemas. Cedido gentilmente ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST; São Paulo /SP; 1ª edição, 2009.

STEDILE, João Pedro; CARVALHO, Horácio Martins de. **Soberania Alimentar**: Uma Necessidade dos Povos. Disponível: <http://www.ecodebate.com.br/2011/03/25/soberania-alimentar-uma-necessidade-dos-povos-artigo-de-joao-pedro-stedile-e-horacio-martins-de-carvalho/>. Publicado em março 25, 2011. Acesso: 18/04/2015.

TECCHIO, Andréia; MACAGNAN, Ivo Severino. **Práticas de recuperação, produção e Melhoramento de sementes crioulas de hortaliças do MMC/SC**. Caderno nº 1 MMC. Estampa Editora Gráfica Ltda, Chapecó, 2005.

_____. **Solo útero do planeta terra**. Caderno nº 3 MMC. Cooper Graf Ind. E Com. Gráfico Ltda ME, Chapecó, 2006.